

PRESSÕES POLÍTICAS

Fundação diz que mudou critérios

Entre julho e setembro do ano passado a Fundação Banco do Brasil liberou um grande volume de recursos para obras assistencialistas, como compra de ambulâncias para prefeituras. “Os critérios hoje são outros”, assegurou o presidente da FBB, Maurício Teixeira da Costa, que continua recebendo pressões de políticos para a liberação de verbas. O ex-presidente do Senado, Humberto Lucena (PMDB-PB), por exemplo, tem intercedido em favor da atriz Teresa Rachel.

Costa disse que os auditores da Ciset erraram ao apontar irregularidades no patrocínio de vários projetos. Um deles foi a compra, por US\$ 300 mil, do acervo do falecido acadêmico José Guilherme Merquior. O valor foi considerado “superfaturado” pela Ciset, mas a FBB afirma ter comprado a biblioteca de Merquior pelo preço médio tirado das propostas feitas à viúva do acadêmico. Quanto à produção do vídeo “Três Antônio e um Jobim”, Costa disse que o custo de US\$ 200 por fita

é compatível com os gastos da produção. Segundo Costa, o preço médio de uma fita comercial (US\$ 60) reflete apenas os custos de cópia e distribuição de um produto que já se pagou no Exterior. O custo total dos cachês dos homenageados (Tom Jobim, Antônio Callado, Antônio Cândido e Antônio Houaiss) ficou em US\$ 14 mil.

Segundo o presidente da fundação, ao contrário do que afirma o relatório da Ciset, não há nenhuma irregularidade nos projetos “Canhoto da Paraíba” (shows do violonista Canhoto da Paraíba) e “Viagem ao Centro da Terra” (peça dirigida por Bia Lessa). Costa afirmou que Canhoto cumpriu toda a programação combinada. Quanto à Bia Lessa, o presidente disse que a Fundação considerou duas apresentações da peça em Paris como quitação de dez apresentações não realizadas no Brasil, “por culpa da diretora”. As passagens para a França foram patrocinadas pela área de publicidade e marketing do BB.